

Asas

• da palavra •



UNAMA
UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA
EXCELÊNCIA POR NATUREZA



VOL.19 | N°2 | ANO 2022 | ISSN: 1415-7950



Vândalos do Apocalipse da esquerda para a direita. De pé: Clovis de Gusmão, Farias Gama, Bruno de Menezes, De Campos Ribeiro. Sentados: Paulo de Oliveira, Euclides Fonseca e Edgar Souza Franco.

Fonte: Studio Oliveira, Belém, 1923.

REITORA

Maria Betânia Fidalgo Arroyo

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO

Ana Maria de Albuquerque Vasconcellos

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

Coordenação

Edgar Monteiro Chagas Junior

CONSELHO EDITORIAL

Aldrin Moura de Figueiredo (UFPA)

Carlos Henrique Lopes de Almeida (UFPA)

Dirk Jurgen Oesselmann (Universidade Protestante de Freiburg)

Elisa Maria Pinheiro de Souza (UEPA)

Janio Roque Barros de Castro (UNEB)

José Alcides Ribeiro (USP)

José Guilherme de Oliveira Castro (UNAMA)

José Ribamar Ferreira Junior (UFMA)

José Mariano Klautau de Araújo Filho (UNAMA)

José Ribamar Ferreira Júnior (UFMA)

Lívia Afonso de Aquino (FAAP)

Luciana Gonçalves de Carvalho (UFOPA)

Lucilinda Ribeiro Teixeira (UNAMA)

Márcia Marques de Moraes (PUC-MG)

Maria Adelina Amorim (ULisboa, Portugal)

Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva (UNAMA)

Paulo Jorge Martins Nunes (UNAMA)

Rafael José dos Santos (UCS)

Valter do Carmo Cruz (UFF)

Valzeli Figueira Sampaio (UFPA)

EDITORIA CIENTÍFICA

Profa. Dra. Maíra Evangelista de Sousa (PPGCLC/UNAMA)

EDITORES RESPONSÁVEIS PELO DOSSIÊ

Prof. Dr. José Mariano Klautau Filho (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Jorge Leal Eiró da Silva (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes (PPGCLC/UNAMA)

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Apoio técnico

Nice Hellen Mateus Oliveira Miranda (Doutoranda PPGCLC/UNAMA)

Editoração

Diego Duarte Borges (Doutorando PPGCLC/UNAMA)

Profa. Dra. Ivana Cláudia Guimarães de Oliveira (PPGCLC/UNAMA)

Revisão de língua portuguesa e normatização

Jaqueline Mirian Muniz Bandeira (Mestranda PPGCLC/UNAMA)

Luna Carvalho de Lucena (Doutoranda PPGCLC/UNAMA)

Tábata Nazaré Queiroz de Araújo (Mestranda PPGCLC/UNAMA)

Asas da Palavra: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura. Belém: Unama, v. 19, n. 2 Jul./Dez. 2022 - ISSN: 1415-7950 115p.

ISSN: 1415-7950

1. Letras. 2. Artes. 3. Linguagens. 4. Cultura. 5. Mestrado e Doutorado em Comunicação, Linguagens e Cultura. 6. Unama – periódico.

CDD 400.



UNAMA



PPGCLC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO, LINGUAGENS E CULTURA

Asas
da palavra

SUMÁRIO

- 05 EDITORIAL
Por: José Mariano Klautau Filho, Jorge Leal Eiró da Silva e Paulo Jorge Martins Nunes
- 08 O centenário modernista: os novos e as comemorações da Independência do Brasil no Pará, 1922-1923
Por: Aldrin Moura de Figueiredo
- 18 A Amazônia de Bruno de Menezes e Abguar: o modernismo como forma e a Amazônia como conteúdo
Por: Marcos Valério Lima Reis
- 26 Uma leitura política da cidade de Belém – as revistas modernistas vistas das margens
Por: Maíra Oliveira Maia
- 36 Academia do Peixe Frito e outros Modernismos: narrar como artimanhas de renovação na Amazônia
Por: Vânia M. Torres Costa e Paulo Nunes
- 54 Flamin-n’-Assú: A Grande Chama que Aquece a Amazônia
Por: Evellin Natasha Figueiredo da Conceição e Josebel Akel Fares
- 64 Modernismo Brasileiro: análise dos retratos de Murilo Mendes
Por: Gabriele Oliveira Teodoro
- 76 Escada flutuante de Alcyr Meira
Por: Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes
- 88 Eneida, uma mulher de resistência
Por: José Guilherme de Oliveira Castro e Mirna L. Araújo de Moraes
- 98 Fotografia e Modernidade no espelho turvo da literatura. Brasil, Séc. XIX
Por: Tadeu Chiarelli
- 104 Batuque – a descida antropophaga / Vândalos
Por: Mariano Klautau Filho
- 110 Bruno e Jaques – Almas Abertas
Por: Marília Menezes
- 112 Em 1922 não estávamos e hoje nós estamos?: notas sobre o livro-manifesto Minha Utopia Selvagem
Por: Jairo da Silva e Silva

EDITORIAL

EDITORIAL: PARA ALÉM DA SEMANA DE 22 – MODERNISMOS BRASILEIROS

Os modernistas brasileiros estavam diante de duas tarefas diferentes, igualmente importantes e dificilmente compatíveis: criar uma nova poesia e arte realmente nacionais, brasileiras, e empregar, para tanto, os recursos das vanguardas europeias...

(Otto Maria Carpeaux, In: As revoltas modernistas)

A revista Asas da Palavra, volume 19, número dois do ano de 2022, apresenta a seus leitores e leitoras o dossiê ***Para Além da Semana de 22 – Modernismos Brasileiros***, e o faz com o propósito de ampliar as narrativas e outras enunciações sobre o pluralismo do pensamento modernista, que abrange linguagens e territórios diversos da multifacetada experiência nacional sociocultural, política e estética.

Deste modo, reunimos aqui uma série de estudos sobre a estética modernista e a questão da modernidade no Brasil, série que pretende provocar uma visão mais ampliada nos campos da literatura, do jornalismo, das artes visuais, da fotografia e da arquitetura, incluindo reflexões acerca dos fenômenos da modernidade que emergiram ao longo do século XIX e que contribuíram decisivamente para pavimentar as rupturas propriamente ditas, provocadas pelos movimentos modernistas posteriores à virada do XIX para o XX.

Tais estudos contribuem especialmente para repensar os discursos hegemônicos e assim não só refletir, mas ousar expandir o foco centrado na experiência paulistana, marcada pelo episódio da Semana de Arte Moderna de 1922, que realizou-se no Teatro Municipal de São Paulo, em fevereiro do icônico ano, com o intuito de comemorar os cem anos de Independência política do Brasil. Neste sentido, ambicionamos apresentar um enfoque diverso sobre outros mapas e movimentos, especialmente aqueles ocorridos na região Norte do país, particularmente no Pará, produzindo nos tempos de hoje uma reflexão que visa ao enriquecimento e ampliação do pensamento moderno nacional sobre uma produção que, decorridos estes cem anos, carece ainda de maior atenção para que, finalmente, tenhamos uma dimensão expandida e plural sobre a modernidade brasileira, para além do que o cânone nacional conhece.

Sob esta perspectiva, compreendemos que a complexa aventura da modernidade, no dizer de Berman¹, e sua consequente ruptura estética cujas ondas se irradiaram sobre todo o mundo ocidental não pode ser meramente interpretada sob uma lógica sequencial construída como um desenho linear sedimentado, exclusivamente, sob a égide de uma historiografia oficial eurocêntrica. Ainda que essa vertiginosa onda moderna tenha irrompido na Europa, em decorrência das demandas desencadeadas pela Revolução Industrial, a partir do século XIX, alastrando-se como um tsunami por todo o mundo. Assim é indispensável observá-la em seus deslocamentos, irradiações e singularidades, em especial no Brasil continental, como um fenômeno ocorrido numa espécie de construção por saltos, recuos, avanços, abismos e intersecções, desafiadoras para os estudiosos da contemporaneidade.

No âmbito das regionalidades, ou se invertermos a ordem de olhar de um do mapa geocultural brasileiro, essas influências não tardariam a chegar à Amazônia, quando Belém, assim como Manaus, tensionadas por uma correlação histórica de forças, embora engolfadas pelo espírito fáustico (e mefistofélico!) da modernidade, não

¹ BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.



deixariam de responder a tais tendências de forma particular e original. Belém, é preciso que se diga, num primeiro momento das revoluções estéticas, desconhecia quase que totalmente o movimento paulistano, e buscava, ao menos a geração liderada por Bruno de Menezes, o diálogo renovador com o grupo pernambucano de Joaquim Inojosa.

Em síntese, desejamos enfatizar aqui os modernismos plurais das distintas regiões, o que aponta para, embora sem desvalorizar a movimentação paulistana, dar pistas das diversidades, bem mais interessantes no sentido de ampliar a reflexão sobre as origens e o processo de formação moderna no país, que nos permitirá, inclusive, investigar sobre como a experiência modernista se espalhou em avanços e recuos, fluxos e refluxos, em função da própria vivência artística e dinâmica cultural e social específica de cada região.

Transcorridos, portanto, estes cem anos de ressonâncias e rastros dessa grande onda tornam-se, inexoravelmente, objetos de reflexão e revisão histórica, ensejados por um conjunto diversificado de narrativas e formulações que configuram este dossiê, estruturado através de artigos, ensaios e resenhas sobre nossos modernismos. Como já foi dito, para além da Semana de 22.

Iniciando o dossiê, apresentamos o artigo *O centenário modernista: os novos e as comemorações da Independência do Brasil no Pará, 1922-1923*, Aldrin Moura de Figueiredo (UFPA), uma das maiores autoridades quando se trata do modernismo no Norte do Brasil, esclarece acerca das efemérides modernistas entre nós. Ele, a certa altura afirma algo que, de algum modo, sintetiza a movimentação nos “Novos” amazônicos: “No Pará, a história inventou o modernismo e, certamente, o modernismo criou uma certa leitura da história da nação. Se no princípio foi necessário pintar um novo passado amazônico, como na tela inaugural de Theodoro Braga, e com isso firmar uma nova interpretação da Amazônia na história do país, nos anos seguintes foi imprescindível estabelecer os contornos políticos desse movimento intelectual, no intenso cotidiano de festas e datas cívicas, revestidas de cunho literário”. É desta forma que o doutor em História da UFPA “coloca os pingos em alguns is” quando sinaliza características dos diversificados modernismos brasileiros.

Em *A Amazônia de Bruno de Menezes e Abgvar: o modernismo como forma e a Amazônia como conteúdo*, Marcos Valério Lima Reis (FIBRA) trata de duas figuras centrais da modernidade da região e que souberam de modo muito particular promover um pensamento moderno que se traduziu igualmente na atitude e no acento popular, e de algum modo inclusivo, da Amazônia urbana.

Completando o panorama cultural urbano, Maira Oliveira Maia (SEDUC) investiga em seu artigo *Uma leitura política da cidade de Belém – as revistas modernistas vistas das margens* o papel que teve o circuito da comunicação impressa por meio das revistas que ativaram e fortaleceram a cultura artística e do pensamento de inovação estética da capital paraense, em sua feição modernista.

O dossiê inclui ainda um estudo sobre a importância da “Academia do Peixe Frito”, grupo intelectual, militante e formador, fundamental, nas experiências esteticamente inovadoras no Pará, por meio do artigo *Academia do Peixe Frito e outros Modernismos: narrar como artimanhas de renovação na Amazônia*, de Vânia M. Torres Costa (UFPA) e Paulo Nunes (UNAMA).

Em *Flamin-n’-Assú: A Grande Chama que Aquece a Amazônia*, Evellin Natasha Figueiredo da Conceição (SEDUC-PA) e Josebel Akel Fares (UEPa), sem negar a importância do movimento modernista de São Paulo, enfatizam o protagonismo do Norte, a partir da grande chama cultural de Flamin-n’-Assú, que, segundo as ensaístas,

é um manifesto ousado, anticolonialista, que estremeceu as bases da arte conservadora e acanhada que ainda persistia em ser feita na região amazônica, anterior ao modernismo da “Associação dos Novos”, do qual o paraense andarilho, intelectual irrequeto, Abguar Bastos é autor. O artigo das pesquisadoras, justiça se faça, “dá a César o que é de César”.

No campo das Artes Visuais e Arquitetura, temos os artigos *Modernismo Brasileiro: análise dos retratos* de Murilo Mendes de Gabriele Oliveira Teodoro (UFJF) e *Escada flutuante de Alcyr Meira* de Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes (UNAMA), respectivamente. O primeiro investiga a tradição pictórica do retrato sob o signo das rupturas modernistas a partir das representações da figura do poeta mineiro Murilo Mendes, retratado por diversos pintores como Ismael Nery, Guignard e Portinari, entre outros. O segundo estudo propõe uma leitura sobre o desenho da escada da residência do arquiteto Alcyr Meira, considerando suas características modernas no panorama da evolução arquitetônica urbana da capital paraense.

Em seguida temos *Eneida, uma mulher de resistência*, texto que apresenta a marca do legado da paraense Eneida de Moraes, escritora, jornalista e militante política, importante presença no circuito cultural do Rio de Janeiro, na escrita de José Guilherme de Oliveira Castro (UNAMA) e Mirna L. Araújo de Moraes (SEDUC-PA) que mostram uma Eneida como escrita de si, testemunhal e arrojadamente feminista, num tempo em que assumir tais posições era coisa rara.

Abrindo a seção de ensaios, apresentamos o estudo *Fotografia e Modernidade no espelho turvo da literatura. Brasil, Séc. XIX*, de autoria do crítico e historiador Tadeu Chiarelli (ECA/USP) no qual acompanhamos a presença da imagem fotográfica inserida na cultura cotidiana representada na narrativa de escritores importantes que marcaram a literatura brasileira da segunda metade do século XIX, como Adolfo Caminha, Aluísio Azevedo, José de Alencar e Machado de Assis. Finalizando a seção de ensaios, temos as peças gráficas na forma de cartazes *Batuque – a descida antropophaga e Vândalos*, de autoria de Mariano Klautau Filho (UNAMA) e o conto Bruno e Jaques – Almas Abertas de Marília Menezes

Finalmente, completando este dossiê apresentamos a resenha *Em 1922 não estávamos e hoje nós estamos?: notas sobre o livro-manifesto Minha Utopia Selvagem* assinada por Jairo da Silva e Silva (IFPA).

Assim, encontram-se reunidos neste dossiê, uma amostragem da diversa produção que pontua momentos históricos e atores intelectuais de parte dos modernismos com a intenção de ressaltar a importância em instaurar diferentes maneiras e formas de perceber e investigar as experiências modernistas brasileiras e considerar, a partir dessas reflexões, outras comemorações para tais fenômenos culturais e artísticos. As abordagens aqui reunidas também se fazem pelo desejo de propor e reinventar outras datas possíveis que demarquem e celebrem a pluralidade artística e cultural dos diversos Brasis, para que, enfim, possamos desenvolver ideias outras sobre a construção do pensamento modernista brasileiro, sob uma perspectiva mais expandida e generosa acerca do próprio sentido de modernidade que nos constituiu ontem, constitui hoje e constituirá sempre.

Os organizadores:

Prof. Dr. José Mariano Klautau Filho (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Jorge Leal Eiró da Silva (PPGCLC/UNAMA)

Prof. Dr. Paulo Jorge Martins Nunes (PPGCLC/UNAMA)